

Polícia contra polícia no Guará

GUILHERME GOULART
E IZABEL TOSCANO

DA EQUIPE DO CORREIO

Uma operação policial malsucedida reforçou a rivalidade entre a Polícia Civil e a Polícia Militar do Distrito Federal. O clima de tensão entre as duas corporações ocorreu no Guará 2, onde um agente da Divisão de Operações Especiais (DOE) acabou baleado por um soldado do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar (Bope). Por algumas horas, mais de 20 homens de cada unidade se encararam, de arma em punho, em uma quadra residencial da cidade. Cada um assumiu postura em defesa dos colegas de farda.

A demonstração de força se prolongou por quase toda a manhã. Começou por volta das 6h, quando o chefe de Proteção à Pessoa da DOE, José Pedro de Mendonça Gomes, 37 anos, cumpria mandado de busca e apreensão em uma casa do conjunto B da QE 24. O alvo dele e de outros cinco policiais civis era uma mulher suspeita de participar de quadrilha de estelionatários. Ao entrarem no imóvel, porém, não imaginavam que o endereço era o mesmo do soldado Edmar Borges dos Santos, 37. E a procurada, sobrinha dele.

O policial militar atirou contra os agentes dentro da residência. José Pedro levou um tiro na altura da virilha e, após passar por cirurgia no Hospital de Base do Distrito Federal, não corre risco de morte. Depois do tiro, o PM se trancou em um quarto e só se entregou com a chegada do comandante-geral da corporação, coronel Antônio José de Oliveira Cerqueira. O soldado seguiu para a 4ª Delegacia de Polícia (Guará), onde prestou depoimento. Alegou legítima defesa, pois os policiais civis teriam arrombado a porta da casa sem se identificar e antes das 6h — horário permitido por lei para o cumprimento de mandados.

A tensão, no entanto, continuou na QE 24. Mesmo após quase quatro horas do crime e de o local ter passado por perícia, os dois grupos de policiais permaneceram na rua e de armas em punho. Para completar o cenário de rivalidade, carros, microônibus e motos com as sirenes ligadas. “A cena era de horror. Nossa rua é tranqüila e, de repente, um policial atira em outro e depois fica esse tanto de gente com armas na frente das nossas casas. Isso amedronta”, reclamou uma moradora que preferiu não se identificar.

Fotos: Daniel Ferreira/CB/D.A Press



COM FUZIS E METRALHADORAS NA CINTURA, AGENTES DA DIVISÃO DE OPERAÇÕES ESPECIAIS SE UNIRAM EM FRENTE À 4ª DP APÓS COLEGA SER BALEADO POR PM



NO PÁTIO DA MESMA DELEGACIA, POLICIAIS MILITARES FIZERAM PLANTÃO DURANTE DEPOIMENTO DE COLEGA

Versões distintas

Entre as 9h30 e as 11h30, os homens do Bope e da DOE transferiram as cenas de intimidação para a frente da 4ª DP. Entravam e saíam do estacionamento da unidade policial do Guará, enquanto os envolvidos na operação e familiares de Edmar prestavam esclarecimentos. Os policiais civis afirmaram ter gritado pelo nome da procurada várias vezes antes de entrar pelo portão da garagem, às 6h10. Vizinhos contaram ao *Correio* que ouviram os gritos.

“Às 6h07, eu ouvi homens gritando: ‘É a polícia, é a polícia’. Depois ouvi três tiros”, contou um deles.

O advogado do soldado do Bope, Marcus Vinícius Figueiredo, detalhou que o cliente acordou com um barulho no portão. Ao se levantar, foi surpreendido pela porta arrombada. Teria atirado uma vez. A mulher do PM contou que o marido escondeu os filhos de 6 anos e de 5 meses embaixo da cama. “Ele só quis proteger a família”, ressaltou. O delegado-chefe da 4ª DP, Jeferson Lisboa,

informou que as investigações seguirão até ouvir todas as testemunhas. A Corregedoria-Geral da PM abrirá inquérito para apurar as circunstâncias do crime. Por enquanto, o PM fica no Núcleo de Custódia da corporação.

Unificação

Autoridades da segurança pública do Distrito Federal tentaram amenizar as divergências entre as duas corporações ao longo do dia. O diretor-geral da Polícia Civil, Cléber Monteiro, negou a ri-

validade. “Ninguém brigou com ninguém. O PM alega que não sabia que se tratava de policiais civis. E os agentes não sabiam que havia um PM na casa. O convívio da PM e da Civil é muito saudável”, afirmou. O comandante do 4º Batalhão de Polícia Militar (Guará), coronel José Silva Filho, também rejeitou o conflito institucional. “Cada um defendeu a sua corporação depois do tiro”, avaliou.

Representantes das duas categorias, no entanto, reconhecem o estranhamento. O presidente da Associação de Policiais e Bombeiros Militares do DF, deputado distrital Cabo Patrício (PT), confirmou inclusive a falta de diálogo. “As duas (corporações) não conversam e evitam colocar o dedo na ferida. A rivalidade existe em função da diferença salarial e do tipo de trabalho, um preventivo e outro investigativo”, contou. Patrício propõe a unificação das polícias e a desmilitarização da PM como solução para o problema.

Apesar de o presidente do Sindicato dos Policiais Civis do DF, Wellington Souza, tratar o episódio do Guará como um erro do policial militar, admitiu a delicadeza da situação. “Preferimos deixar o local, pois seria um barril de pólvora. Havia um sentimento de revolta por parte dos policiais civis, principalmente porque um deles foi atacado por um PM.”

MEMÓRIA

Dezembro de 1990

A Praça do Buriti virou uma praça de guerra durante manifestação de policiais civis por melhores salários. Quando 800 agentes da Polícia Civil saíram do estacionamento do ginásio Nilson Nelson para protestar em frente à sede do governo, eles foram contidos por 1,5 mil policiais militares. Os PMs usaram bombas de gás lacrimogêneo e cachorros treinados. Na confusão, mais de 200 tiros foram trocados entre homens das duas corporações. Ninguém morreu.

Março de 1991

Quatro agentes da Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes (DTE) perseguiam traficantes no Guará 2 quando foram parados em uma blitz da Polícia Militar. Eles se identificaram, mas os militares ordenaram a entrega da chave do carro. Foi o suficiente para que a briga começasse. Como punição, o secretário de Segurança Pública da época, João Brochado, transferiu os 10 policiais en-

Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press - 12/12/90



volvidos no caso para funções administrativas.

Fevereiro de 1998

Uma briga de trânsito acabou em conflito entre policiais militares e civis na 1ª DP (Asa Sul). Por causa de uma ultrapassagem, o cabo José Marcos Silva e o agente Marcos Lopes sacaram as armas. Foram parar na delegacia. A confusão cresceu a ponto de atrair 11 carros lotados de policiais militares e de agentes

da Divisão de Operações Especiais (DOE) da Polícia Civil. E só terminou com a intervenção dos comandantes das duas corporações.

Setembro de 2000

O cabo da PM Herbert Santos Rodrigues e o então delegado da 26ª DP (Samambaia), Gilberto Damasceno, discutiram em uma rua da cidade. Herbert foi detido por desacato. Pelo menos 25 patrulhas de

vários batalhões cercaram a delegacia e 80 PMs ocuparam a parte interna, com armas em punho, e retiraram Herbert. Os PMs comemoraram com tiros para o alto. Somente após divulgação de vídeo pelo *Correio* foi aberto processo administrativo. Três praças da PM acabaram afastados.

Março de 2001

Policiais militares enfrentaram policiais civis na delegacia do

Reprodução de TV - 9/9/00



Maio de 2001

O soldado José Wilson de Lima, 34 anos, acabou detido acusado de agredir o vigia Ailton Militão, 32. Na 27ª DP (Recanto das Emas), José Wilson tentou bater em um agente da Polícia Civil. Quando outro agente pegou um par de algemas, os dois PMs que acompanhavam José Wilson partiram para cima dos policiais civis. Os militares saíram com o soldado da delegacia, sem autorização de delegado ou investigador. Antes, José Wilson chegou a quebrar um vidro da DP. O soldado foi indiciado por lesão corporal e dano ao patrimônio público.

Outubro de 2002

Em meio à campanha para governador, o então delegado-chefe da 21ª DP (Taguatinga Sul), Antônio Coelho, decidiu levar cinco militantes do PT à delegacia por acusação de baderna. Uma PM tentou impedir a ação de uma policial civil. Duas PMs saíram feridas do confronto com agentes da Polícia Civil.